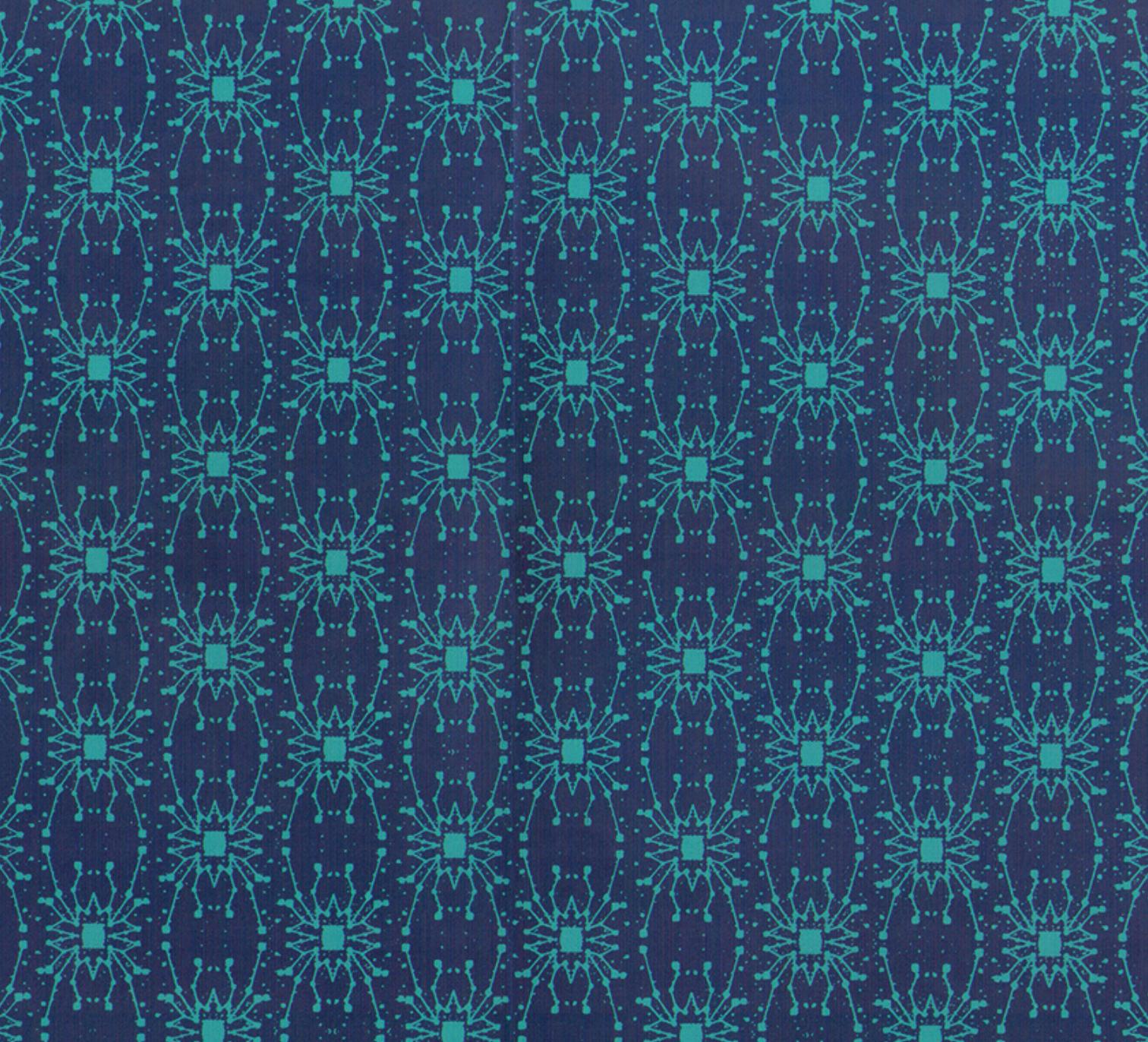


Sarah Valle







coleção
KRAFT

KRAFT. Sf, **Kräfte** 1 força, vigor, energia. 2 potência. **aus eigener Kraft** pelo próprio esforço. **außer Kraft sein** estar revogado, sem efeito. **in Kraft sein** estar em vigor.

Sarah
Valle



Sarah
Valle



Rio de Janeiro
2014

Apresentação
por Marília Garcia

- 11 -

- senhora Uyên Thị Lê... - 20
 forma - 22
 em cada rio mora... - 24
 mesquita de neve... - 26
a roda e o menino de Kohl - 29
você se casou com flores artificiais no cabelo... - 38
 um velho nome - 40
 no retorno - 45
poema da demência - 48
 o erro - 51

às vezes a leitura é esse jogo de escala
é preciso se aproximar a ponto de perder o todo
é preciso deformar para ver os detalhes
[as entrelinhas
e participar do texto

penso que outras vezes é preciso se afastar
e me lembro de uma imagem
do dramaturgo francês valère novarina lendo um
[texto
novarina segura o livro com as mãos
e o afasta de si
ele segura o livro o mais distante que pode
os braços à frente erguidos
ele coloca o livro na altura dos olhos
e quase perde de vista o texto
resta só um fio que o liga ao livro
ele mantém a leitura por meio do braço
assim ele se afasta para ler
ele já não lê com os olhos
talvez leia com o corpo

pensei nessa passagem
entre o perto tão perto que deforma
e o longe tão longe que quase perde de vista
quando li o poema “a roda e o menino de kohl”:
ali não era eu que me afastava ou aproximava
mas o poema que produzia os dois movimentos
num momento o texto me levava para o
[subterrâneo da turquia
tocando a argamassa no interior da anatólia
logo em seguida
era como se eu voltasse de um mergulho para
[respirar
então o texto afasta e nos faz ler à distância:
os pés são conduzidos pela roda do poema
e aí istambul é paisagem
é aquarela com desvio para o mar
é mapa que cobre o país

a turquia aliás
entre europa e ásia entre oriente e ocidente
também é aqui roda que desloca

império acabado e vivo ao mesmo tempo
às vezes estamos no meio de um ritual oriental
atendendo ao chamado do almuadem para a prece
sendo levados pelo cortejo vietnamita que abre
[o livro
vendo os homens que jogam dominó nas casas
[de chá
outras vezes apenas seguimos o fio das lembranças
e histórias como um flash de uma chuva
[em ubatuba
o passado tentando não sair
do seu congelamento

•

essas passagens
e discontinuidades
percorrem todo o livro
e parecem produzidas pela montagem dos
[poemas
e pelo jogo entre o discursivo dos textos e
os cortes entre as cenas

essas passagens
e descontinuidades também podem ser efeito do
[monólogo-diálogo
ali presente o diálogo é pressuposto
ora o interlocutor é o menino de kohl
ora é aquela que casou
ora é a senhora uyenthile
ora é um você indefinido
não temos acesso às respostas deles
mas aos poucos somos surpreendidos
por alguns espelhamentos que surgem
e refazem as distâncias e modos de ver
como na cena da fotografia
levada na carteira:
“menino de quem se diz: são parecidos/carrego
na carteira sua foto / com minha idade / mostro
como se fosse eu”

•

quando o livro da sarah chegou
fiquei me perguntando qual seria o título

quando o livro da sarah chegou
me explicaram que a coleção kraft não tinha título
quando o livro da sarah chegou
fiquei imaginando qual seria o título
então a sarah me contou seu título invisível
e seu título invisível me sugeriu mais uma forma
[de ler

me indicou mais um caminho:
nem tão de perto como borges
nem tão de longe como novarina
o título invisível era “o império de costas”
e fiquei pensando em como seria ler
algo que está de costas

mas também fiquei pensando em como seria
ler de costas

será que saber um título que é invisível
seria um modo de ler o livro de costas?

pensando nisso
deixo aqui o convite ao leitor para entrar assim
[nas fábulas
dessa xerazade:

está um vendaval fortíssimo
pode ser numa ilha como lítladímun
ou em algum canto no oriente
os olhos estão fixos para acompanhar o fio das
[histórias
e você é arrastado de costas

senhora Uyên Thị Lẽ
já a conheço atrás das portas
com a família bebendo o chá
ao som bonito de seu velório

sorriso
e penso nos meus vivos

e em Hồ Chí Minh embalsamado

e nesta criança vadia

sem chinelos
nada morta
de arma na mão

fazendo cara esquisita

é meu amor, não diz
uma palavra inteira
carece ser ensinada
da guerrilha

vietnamita

e da união do norte e o sul

senhora, deixo-lhe alguma lágrima, prece
e, em respeito, também a criança me segue
evadindo o cortejo
atrás dos músicos

forma

tem o que seu desejo quis
e se não o tem agora, é porque desejou também o tempo
e se não é idêntico a si, é porque se desejou
e se no tempo move resistências, estas também desejou

abandona tempo, corpo, espaço e algo ainda quererá forma
transcende-a, rompe, funde
ainda a possui

Em cada rio mora
a face de um deus.
E a terra esfarela
o corpo de um deus antigo.

Êxtase trêmulo
da garoa.
Cada pardal
mantém um
de seus pensamentos.

Nublado, o dia guarda
o prazer de um deus
em gema.

•

Um politeísta encontra
por vezes um só deus.
E o monoteísta de vez em quando
ama um deus inteiro.
Não se pode amar o Um
se não se tropeça por suas faces.

Gênero
faz adorar
inconciliáveis.

O alienado
se confunde,
o único
se esfacela.
Somos o Amado
de muitos amantes.
Tantos
à face
de quem amamos.

Mesquita de Neve

chamando

chamando

•

vi-te, Istambul,

conheci minhas costas

soube que também vim à vida

com um império acabado

•

minha alegria em teus bazares

em tudo que vem de ti,

esposa proibida

•

(dominó
nada falam
os homens
nas casas de chá)

•

que mesquitas
guardam
conforme Alá
adornou
o segredo
que volteiam
as gaivotas?

•

amanhecer goteja desejo calcificado
haréns sublimados na cerração

que é mais encantador
que a sombra de Istambul

dançando
entre roseirais?

•

sobre as cidades
subterrâneas da Anatólia
neva novamente

a roda e o menino de Kohl

os olhos
curvados em kohl
tirando para si
meus homens verdes

menino, você não sabe
que é musa
alaúde
sem compartimento
e um motorista
dos tenores

amanhã ou hoje
sentarei
em sua cidade do interior
tentando imitá-lo
acenderei meus pés

encarnamos
mais de um deus
pontes
dos que precisavam
se rever na terra
e é para tanto
que nos apertamos
contra o outro
vazando
campos saqueados

é preciso que dancemos todos os dias
amar a roda
ser justo com os pés

ao mover-se pelas pessoas
dá-lhes nos espaços
em que balançam os braços
a capacidade de dizer sim

viaja doze horas
para enjaular sal

seus amigos
amassam papéis na boca de microfones
mergulham notas de cem em aquários
caminham pelas praças
e gritam-lhes: bichas

até em Versalhes dançava-se mais
que entre nossos amigos agora
onde está a peneira das suas mãos contra a chuva?
dê-me para ninar suas lamparinas
e seu azeite, mas não todo

menino de quem se diz: são parecidos
carrego na carteira sua foto
com minha idade
mostro como se fosse eu
mas quando você pinta os olhos
está mais belo
do que todas as minhas mulheres

o rosto, as luas
é quando anoitece, sou árabe

a argamassa
no interior da Anatólia

a barba do capitão
a desculpa do sol
a Anatólia clássica

escrevo de bruços, enterrando

Istambul
amar atravessando os homens e as mulheres

•

meu peito de urso
jaquetas de zodíacos tortos
deixe deus entrar
pela cozinha
e a aquarela desviar
para o mar

me fará dizer não à fuga instalada
enquanto trunfo nas minhas facas
e cortará os gastos
da bagagem
os setenta que gasto todos os dias em que
[planejo gastar dez
as sabotagens em direção à Indochina
e saberei
a verdade
vomitada por uma estrela
a respeito da próxima partida

óleos aromáticos em sua pele vegetal
da oceania
menino
usa-me para limpar
um lugar em que possa
dormir

é preciso que dancemos todos os dias
amar a roda
ser justo com os pés

mover-se menos
à ausência de palcos
ao fim das colheitas

reconheço-me
as pernas e a frente encostadas
as respirações cruzadas
enquanto somos lançados em um colchão
de acampar
para o interior de águas assombrosas
sujas de homens
amarrados

é preciso manter a calma
subir lentamente os degraus
não atrasar os demais
saltar com algum impulso
um trampolim
vertical

compreender-nos e
dar o quanto antes

a ação devida
não há entre nossas pernas possibilidade
de ressecamento
mas eras glaciais, o surgimento da agricultura

revertendo os festivais da primavera
na íris
quando todos os demais
lançam-se ao retiro
à ressaca
em chácaras no verão
em vultos e vultos você
partindo
as rotas das flores
assando as gemas
das cascatas

louca lua pontua Minas Gerais
esta, sim, de queijo
ficou ali pouco tempo

durmo antes de anoitecer

seu vulto
estudei
e conhecer-me tornou-se
minha única dívida

estende as mãos contra a noite
estende-as bem
crave as unhas nesta janela
atenha-se a este ponto
ele não resistirá
deus de fato
é que será passado
para o lado de cá
deite-se sabendo
que amanhã não será
interior
talvez não possa controlar
os sonhos dos rebeldes
sua gratidão

menino, você não sabe
que é musa

estátua imensa
do que almejo
é um alaúde
sem compartimento
e um motorista
dos tenores

Você se casou com flores artificiais no cabelo.
Imagino a textura do pó sobre seu rosto
e o tom de base que escolheu.
Ele lhe dará tempo.
Tempo?
Poderia levar você para dormir na casa da vovó.
Ela não desconfiaria.
Você se lembra de nós brincando no box?
Se lembra de medirmos seus seios na máquina
[de costura?

Você se casou com o tênis colorido
que usa para trabalhar.
Se lembra quando seu pai nos proibiu de irmos
[ao jantar?
Que comia ruffles e fanta uva chorando na beliche?
Que conheci você na piscina, dando caldos nas
[amigas?
E que tinha medo de trampolim?

Cortaram a árvore com nossas iniciais.
Você não confiava em músicos
que confiavam em ritmos.
Me disse que todos, menos as crianças,
têm pavor de visitar os velhos.
Mas está bem.
Está ok.
Você casou com flores de plástico no cabelo.
Como as que, um dia, eu desempoeirei.

um velho nome

Mas o milharal
escorraça o saibro
mugindo e embebendo
a planta no haxixe
abre seu peito
de ouro ao céu
e os cavalos descem a estiagem
para dentro duma cerca
e as galinhas
todas cegas
fazem o amotinado estressado

Como se você pegasse o vaso
da ama-de-leite
e descesse os arabescos
garatujando toda a extensão do céu
furado e partido
quando ficou este pedaço comigo
até que kairós deu um ciclo

nas linhas convulsionadas
por uma temporada sem fiscalizar

o recife e os cascos
a memória dos peixes no parcel
os fios sem cabos

Caminhando eriçado
você ficou com um pouco
de cintilação depois
de ter passado pelo celeiro
sofreu alguma pequena morte
assim que ela não pôde dizer
o que queria e toda uma faringe
não o permitia mais
querer sabê-lo

e para perto do ribeirão foram todos os hirsutas
em suas mãos copos de cones e folhas

Eu já agitada demais
para esperar os cabelos crescerem

ou para a caligrafia do hebraico
como se pontilhões
agulhando-me
coçassem de cada palavra

sendo assim impossível
– você me disse –
parar de escrever enquanto os outros falavam
e perseguir o comichão

e debruçado arrancou uma de minhas mãos
com seu punho babado:
idiota escrever sobre o que nem é símbolo

e eu não podia simplesmente dar formas

fiquei para trás
com a rotação da terra
os dedos mindinhos azuis
unhas cheias de minhocas gritando e gritando e
gritando
não me diga mais este nome não me diga mais

este nome

não me diga mais que você sabe não menosprezar

[a visão daquele dia e esquecerá que eu sei

para trás bocejando

e lenhando para alguns animais

antiquados racionais

e demoníacos

A caravana foi fazendo ângulos

como a dobra de uma fronteira

na qual eu estendia

minha rede entre a artéria e a veia

Uma rede feita dos pelos do menino que se foi

Uma rede feita de um zodíaco desconhecido

Eu realmente me cansei de suas feiras de pastéis

[e assembleias

E os jipes não se esqueceram de mim

Então eu caluniei tanto

as palavras de que

todos se cansaram de me ouvir dizer
o quão eram vazias e
continuei como se os sinos
virassem cítaras
e as cobras subiram por minha coluna
até o céu
e nunca mais lavamos as mãos com
algum risco sobre o algodão
e a montanha
tornou-se plana
e todo caminho era uma montanha

E tudo o que vibrava picou de repente
maliciosamente ou não
e naquele dia tomamos banho em um lago
escuso
tão limpo quanto a areia
e batendo os pés gargarejamos e borbulhamos
entre os dentes

um velho nome

no retorno

Trouxe-me um líquido verde para a garganta,
nossa faringe única de cinco milhas.

A insônia a invade duas vezes a cada ano bissexto,
e é com as mesmas mãos que ela faz sexo.

Acontece que o espaço entre a sobrelanceira e o
[olho é muito estreito, às vezes,
e, às vezes, o rosto fica roxo no escuro.

Às vezes, sua pele tem o desgosto da minha
[insistência.
É nano o exagero de tudo o que se deseja.

Às vezes, aquelas listras dadas aos vícios abrem
[poros de sua aspereza.
E o rosto de uma impossível estátua,
de uma asa.

Batemos os dentes e nunca poderemos ver nosso
[crânio.

Nadamos três nuas na piscina.
Cada uma com seus líquidos.
Copos de uísque abriam-se à chuva.

Uma camisa de meu pai retorna à estante.
Comenta-se que ele dormiu no meu quarto
enquanto estive fora.

No retorno, ele diz: você fica bem de verde.
E sei que limpou secretamente o inverso de
[minha gaveta.

Líquido de sonhos parado nas rebordas dos olhos.
Mastigo escondido seus cílios que caem.

Veio até mim com o cheiro ancestral dos
[mergulhados.

Quando espremo meu nariz contra o espelho
sinto este cheiro que não é meu.

E na sua volta choverá tanto quanto em Ubatuba.

E ele dirá: parece Ubatuba.

Pois a chuva cairá muito de repente.

poema da demência

cada brasileiro nasce devendo
10.000 reais
cada norte-americano deve, já ao nascer,
47.000 dólares
eu devo dois calhamaços
que boa parte da população não leria
por mais que

você sempre sai magnetizado do cinema
torna-se aparente que adquiriu uma expressão nova
pensa nas pessoas sardentas e torradas
o sol anda sempre cinzelado

ele fica bem sendo menino
todos preferem seu sorriso assim
embora, no reflexo dos transportes públicos,
aqueles dois olhos de gato

se fico doente a fim de não viajar e penso a
[doença, estou doente
quando penso em crianças, estou doente

o professor carrega
os inconscientes dos seus alunos
há pequenos psicopatas
em seus sonhos
não sei disso
mas adivinho
pelo peso de suas unhas
ao serem cortadas

carregam
seus pensamentos
seus tablets
e suas palmas
umas contra as outras
e os trinta braços erguidos em êxtase

há giz por toda parte

e microfones que zumbem

tirando a lentidão das dívidas

todos bocejam ao fim do dia

o travesseiro faz um ruído ensurdecido ao

[tentar encaixar-se à minha cabeça

eu vejo todo o seu esforço

e a solidão não permite que eu lhe retire as rodinhas

nem que remova seu cercado

escorregadia e ciumenta, ela fugiria

há nada para se salvar, a não ser Lítla Dímun

o erro

não, eles não podem me culpar se meu erro foi,
[apenas,
ter comido meu próprio uniforme
e ter rascunhado 54 vezes as arestas
de uma única saída para a praia

haver crido que éramos presos
tê-lo escrito com meu sangue
em lençóis azuis
e perseguido, em um sonho, uma cadeira sagrada
com etiqueta e um nome
e ter plantado o eterno em jardins suspensos
cujos mecanismos das sementes
eu mesmo parafusei

se meu erro foi, percebendo que saía leite de
[meu peito,
bebê-lo e me esquecer
das papoulas

coleção
KRAFT

Novíssimos poetas em sua primeira
recolha impressa.

1 - Fernanda Morse

2 - João Gabriel Ascenso

3 - Liv Lagerblad

4 - Heyk Pimenta

5 - Sarah Valle

6 - Mariana Campos



Cozinha Experimental
editoracozinhaexperimental.blogspot.com.br

editores responsáveis:
Manolo Santacruz e Barateza Duran

coleção
KRAFT

conselho editorial:
**Marcelo Reis de Mello, Diana Klinger,
Heyk Pimenta e Germano Weiss**

padrão das guardas:
Julian Imayuki Duarte

diagramação:
Barateza Duran

revisão:
Heyk Pimenta e Marcelo Reis de Mello

contato
valle.sarah@gmail.com

V181s

Valle, Sarah.

Sarah Valle: poemas / Sarah Valle. — Rio de Janeiro:
Cozinha Experimental, 2014.

52 p. ; 18 cm. — (Kraft; v.5)

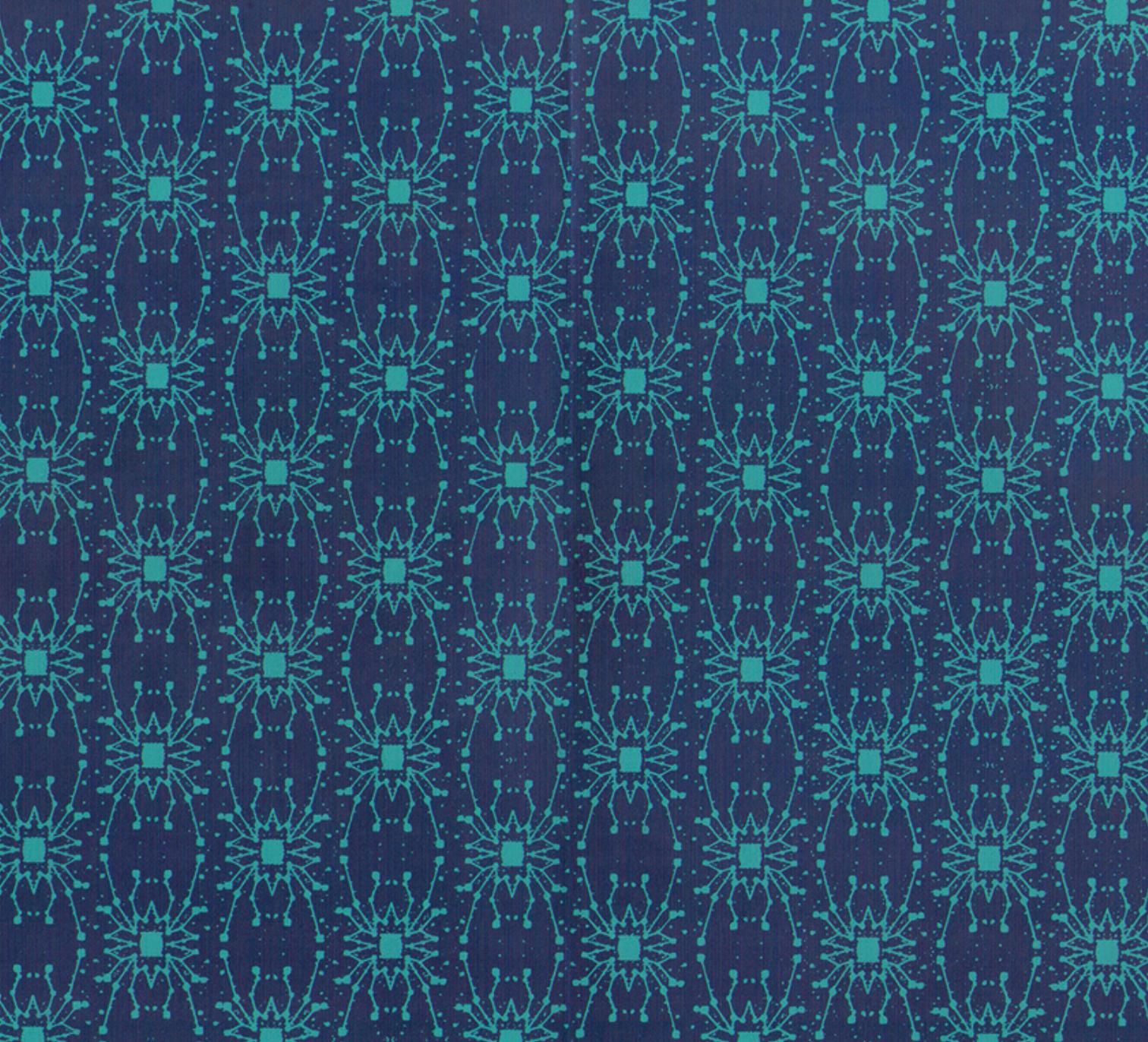
ISBN 978-85-910354-5-8

1. Poesia brasileira. 2. Poesia: século 21. I. Título. II. Série

CDD: 869.1

Impresso na gráfica Singular Digital,
em papel polén Soft 70 gr. e finalizado
nas oficinas da Editora Cozinha Expe-
rimental em novembro de 2014.

/100



Coleção
Kraft